

31 de julho de 2023 nº10
ano II

Tatuí, SP

JORNAL

BULI

28º FETESP

**FESTIVAL ESTUDANTIL DE TEATRO
DO ESTADO DE SÃO PAULO
CONSERVATÓRIO DE TATUÍ**





NO FRESCOR DA HORA

4

À FLOR DA PELE, FRACASSO.

JULIA PEDREIRA

COXIA

10

O FETESP E A LUA CRESCENTE

MARCO ANTONIO PEDRA

14

ESPELHO INVERTIDO

THIAGO MARCHETTO

FERMENTAÇÃO NATURAL

17

LA RONDE – UM CARNAVAL EM TATUÍ

TURMA 74 DA ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA (EAD)

21

LIBERDADE?

GRUPO OS SETE

25

ATÉ QUE SE OUÇA FIM

CIA. DE TEATRO DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

29

VENHA SE SENTAR, MAS RETIRE OS SAPATOS

COLETIVO MUVUCA

34

MUVUCA DE MENTIRAS

ESCOLA LIVRE DE TEATRO DE SANTO ANDRÉ

36

O QUE RESTA APÓS O APOCALIPSE?

COLETIVO GIRANTE

CHARGE

39

ÚLTIMO PAINEL

KAIO ALEXANDRE

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

40

EU PRECISO CONTAR UMA HISTÓRIA

JOÃO CARLOS PINTO

AINDA REVERBERA

43

REENCONTRO

MAYRA GUANAES

46

UM ANO E OITO DIAS AINDA REVERBERAM

JAMES FURLANETO

48

CARTA PARA PEDRO

GABRIEL DINIZ

50

ISSO É UMA PROPOSTA

COLETIVO MUVUCA

54

EXPEDIENTE



À FLOR DA PELE, FRACASSO

POR JULIA PEDREIRA

*apreciação da instalação performativa
Eu tenho uma história que se parece
com a minha*

*aos antepassados que abraçamos,
que desconhecemos
e que ousamos sonhar.*

Hoje, às 22h43 do dia 30 de julho, a lua está
cheia e meu peito está quente de dendê
e saudades.

NO FRESCOR DA HORA

O frio atravessa a roupa, me sinto
nua,
chovendo por dentro,
a tal saudade – erosão sonora?
Uma ventania embaralhando tudo.
Um abraço de avó avô bisavó tataravô.
A mão fria, enrugada
a pele fina, meu avô
nunca esqueci:
os ossos, o toque
ficou grafado, guardado
na minha mão, noventa e dois anos
pousados – existência que não pesa
é ar, o partir:
respiro que se esvazia, suspiro
quase grito
e o coração
é o último a parar.
Haja saudade no peito.
Puro vendaval.

Queria poder escrever um haicai.

Me sugeriram um, Val, achei lindo:

Saí à francesa.

Pensei: em dia de festa, saio à francesa.

Ou: histórias mudam histórias.

Ou: Tetembua Dandara Mafoane Odara Neuza
Poli Dirce Poli,

esperanças em movimento.

Ou: Celebrar o fim é um recomeço.

Ou: Morrer é transbordar-se de tempo – eis o
encanto.

Mas hoje, não sei escrever haicais,
nem poemas, romances realidades qualquer
coisa

não sei.

Queria falar de amor.

Mas me desconheço por completo e meus
olhos ardem

porque recordações vivem

no corpo

pulsam

NO FRESCOR DA HORA

no tempo – mosaico à flor da pele,
olho virando água.

“Eu tenho uma história que se parece com a
minha”,

uma história que desconheço mas que
acende o meu peito

me faz vento, lua nua, ruína acesa

escura, a rua

me sinto livre

vermelha sem cor tingida de algum som

sem palavra – despalmada, de repente

e qualquer tentativa

falha.

Por isso, já penso no fim,

quando começa?

Depois do parabéns? O corte, um pedido. Os
docinhos.

Nas espirais do tempo, há começo meio fim?

Lembro mais uma vez do coração,

o último a parar,

será?

Ouvi dizer que o coração é memória

NO FRESCOR DA HORA

e não acaba, nem congela
é presença-vivência
ancestralidade
tecnologia da carne
é o que nos salva,
o tal coração-memória.

E agora, meia noite e trinta, já é amanhã, dia 31
um futuro
que escrevo pra ontem
porque *viver*
é partir, voltar e repartir.
Partir, voltar e repartir

epílogo

o mais profundo obrigada
a todes
a cada componente elementar dessa cadeia
molecular temporal do hoje-ontem-agora
deste festival. Agradeço a confiança, o espaço
e o acolhimento.
Viva o encontro. Celebremos a abundância da
coexistência.





O FETESP E A LUA CRESCENTE

MARCO ANTONIO PEDRA

bolsista estagiário de apreciação crítica. estudante de artes cênicas da Unicamp

O 28º FETESP acabou. Os dias voaram feito estrelas cadentes que atravessam o céu trazendo promessas de futuro. Elas nos convidam a sonhar.

Com um teatro que possa ser apreciado e debatido por todos os tipos de gente.

Com novas estéticas da cena ligadas ao nosso aqui e agora.

Com a juventude pensando e fazendo cultura.

Com mais políticas públicas que viabilizem a continuidade e a multiplicação de festivais como este.

O que aconteceu nestes dez dias pareceu uma utopia. Foi uma grande reunião de grupos teatrais para pensar a cena de forma pedagógica. Um espaço de aprendizados. Para a cidade, uma programação cheia, diversa e gratuita. Espetáculos vindos do ensino básico da escola pública, ensino técnico, superior e encenações profissionais. Shows de música também. Nos almoços pelos restaurantes vinculados ao FETESP, pessoas assistindo as lives do evento ou comentando as publicações do jornal Buli. Nos jantares, correria para não perder a hora de ir para o Procópio Ferreira ou discussões sobre os espetáculos apresentados. Por todos os lados, um turbilhão de mentes trabalhando pelo teatro, imersas nesta arte tão bonita e coletiva. O que aconteceu nestes dez dias se pareceu com uma utopia, mas foi um direito. E só foi possível executá-lo por causa da garra da equipe responsável por fazer este festival acontecer: Antonio Salvador, Fernanda Fernandes, João Fabbro, Thiago de Castro Leite, Tadeu Renato, Victor Ferrari e tantas outras pessoas cujos corações pulsam as artes da presença. Esta festança poética também não aconteceria sem o empenho da juventude (os alunos do Conservatório que auxiliaram na produção do evento e os grupos que se apresentaram no festival) ou dos funcionários: fazendo a bilheteria,

a limpeza e manutenção dos espaços, transportando cenários e figurinos na kombi do Conservatório, improvisando cenografias... São muitas mãos e mentes envolvidas! A economia da cidade é movimentada, os estudantes da cena saem com mais conhecimentos e aqueles que contemplam as apresentações ganham combustível sensível para viver como gente neste mundo que é cada vez mais máquina. É preciso ver teatro pela sua potência de nos afetar. Tem que cair um pouquinho de lágrimas ou dar umas boas gargalhadas ou causar uma indignação. Só não pode sair como entrou. Diante de todas as coisas lindas que integraram a programação do FETESP, é impossível que todos aqueles que se envolveram com o evento não saiam dele transformados. Fez de nós pessoas melhores. E, para mudar o mundo através da arte, precisa ser por essa potência sensibilizadora. Através dela nos reconheceremos como humanidade. Que, na esfera individual, sangra, ama e mente, mas vive em coletivo. De acordo com Jerzy Grotowski (1933-1999), "o teatro é uma ação engendrada pelas reações e impulsos humanos, pelos contatos entre as pessoas" (1992). O FETESP promoveu um encontro de diversidade, que, por assim ser, causam as mais variadas reações e impulsos. Agradeço a cada pessoa que conheci, a cada peça que assisti, a cada oficina que participei, por dilatar a minha noção de mundo. Agradeço a cada grupo que me recebeu em suas *Coxias*. Também ao Thiago Marchetto, parceiro de seção. Agradeço à organização

do FETESP pela confiança no meu trabalho. As lembranças destes dez dias ricos, felizes e intensos guardo na bagagem. Ao longo desses dez dias, a lua foi crescendo junto com o festival. Hoje, ainda reverbera a luminosidade de tudo o que aconteceu. Que cresçam os frutos germinados pelo evento.



ESPELHO INVERTIDO

THIAGO MARCHETTO

bolsista estagiário de apreciação crítica. estudante da escola dos doutores da alegria

Olhar para o meu eu de antes e não enxergar tanta grandeza. Estou em uma coisa assim – passagem que poderia ter partido de forma calma e sucinta, de uma forma menos imersiva no ato exaustivo. Mas eu preferi o caudaloso intermediário. E é nesta perdição que eu me encontrei.

Momento brusco procedente da morte. O que poderia ser esta experiência se não houvesse o medo de nós mesmos? Me escondo atrás do coletivo, porque é mais fácil falar de alguma coisa que é totalmente problema meu. Existe a experiência de encontros, e a sua – particular, às vezes feliz, às vezes reflexiva e às vezes um corpo d'água perdido dentro de um copo. Eu me vi de diversas formas, desenhos, rasuras, esboços, esqueletos, mentiroso/frágil, inseto/frágil, um contador da história do outro, porque minha história frágil pertence a mim. Sou um nômade que retoma o começo, o primordial. Me encontro e me desencontro, ora com intervalos curtos, ora com longa duração. Eu não sei conviver por muito tempo, mas aqui eu aprendi. Disciplina contra a minha indisciplina costurada com linhas longas ao ponto de partida até Tatuí. Na falta da figura adulta me apontando lados da história, do que é certo e do que é errado, e se isso mesmo existe, aqui eu tive direcionamentos que podem transformar percursos intrapessoais. Entro com a ideia de amarrar, dar nós, mas meus nós foram desamarrados aqui. Estou ressignificando minha postura como homem em formação, do artista que se constrói no vulnerável, onde não tem um fim – cansativo e essencial. É necessário perder um pouco. E o artista se faz com os erros. Me alugaram. Tudo bem! Essa foi a deixa para que eu alugasse o outro também. O teatro mostrou que o silêncio antecipa a fala. E se a fala é convocada, o menos é mais, meu filho. Precipitado, eu, tardou nesta lucidez. Ou não. Saio daqui sem respostas, mas as dúvidas que

eu tinha antes daqui foram respondidas em esferas divergentes, assim como eu – calmo e caudaloso. Agora, qual o ponto de partida que vai trazer as lucidezes que esta experiência me exige? Calma! Sua escrita foi visualizada, reconhecida e sua apreciação sendo apreciada. É a primeira vez que isso acontece de forma dependente do outro em 21 anos.

Eu me debrucei da forma mais humana ao trabalho. Perigoso ou não, isso me deu sensibilidade na palavra. Porque eu, no meu auge da organização mental, não sou um criador. Vou sair aqui alçando voo para o equilíbrio.

Meu maior desafio não foi apreciar um trabalho, porque meu lado sensível já cuidou deste. Meu maior desafio foi apreciar os olhares vivos, os sorrisos, que além daquela carcaça no palco, existe uma pessoa, uma história. Esta arte que imita a vida se aprende também vendo. Ou seja, você aprende a trabalhar e a viver ao mesmo tempo. Isto é Festival Estudantil de Teatro – democratizar a vida além da linguagem. Eu escolhi estar, eu escolhi minhas consequências e eu vou escolher minhas ressignificações. Uma experiência que impediu o meu eu, lírico, da autodepreciação. Vou sair daqui inspirado pela felicidade dos encontros, dos abraços, dos beijos e desta conquista alimentada pelo desespero. Cada dia que passa eu não me sinto um formado, e sim, em formação. Obrigado FETESP, obrigado Conservatório de Tatuí. Viva o teatro e sua democratização!

Evoé!



LA RONDE – UM CARNAVAL EM TATUÍ

apreciação da Turma 74 da EAD para o espetáculo La Ronde, da Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí

É uma honra imensa para a Turma 74 da Escola de Arte Dramática ECA/USP elaborar ideias sobre a estética e a encenação propostas pela Cia. do Conservatório de Tatuí, a partir do trabalho em processo "La Ronde", apresentado no dia

28 de julho de 2023, durante o 28º FETESP, no Centro Cultural de Tatuí. A Cia é formada por estudantes bolsistas de Artes Cênicas e Música do Conservatório, por meio de programas de permanência estudantil, e está sendo dirigida pela artista convidada Miriam Rinaldi. O elenco, formado por 14 pessoas, traz para a cena um encontro de diversas classes sociais, em um grande carnaval, buscando reflexões sobre a relação de poder por meio do desejo sexual e suas múltiplas faces, pesquisando sobre como não moralizar o prazer. Partindo do histórico de erotização do próprio corpo, como falar desse tabu social?

Em se tratando de um trabalho em processo, no presente momento vemos lapsos de personagens que compõem o coro ainda em definição. Nesse instante, podemos contemplar algumas personagens que apontam os conflitos da trama, como por exemplo: Irene, Barão de Tatuí, Motoboy e Atriz. O texto original, escrito no início do século XX pelo austríaco Arthur Schnitzler, passa por uma adaptação para o contexto brasileiro como, por exemplo, na cena em que a prostituta Irene dialoga com o entregador de Ifood; no texto original, esse encontro da prostituta é com um soldado. Os personagens são tipos sociais, mas o grupo conseguiu dar uma camada complexa e contemporânea para as cenas, uma vez que carregam signos brasileiros, como: um grupo tomando caipirinha, a música "Tigresa" (de Caetano Veloso), a camisa do time do São

Paulo, adaptações da linguagem para gírias nacionais, entre outros elementos.

Recentemente, passamos por um governo extremamente conservador e reacionário, com grande apoio em cidades do interior. Assim, qual a importância de se falar de assuntos tabus, em uma cidade como Tatuí? Se o palco é uma atividade política por excelência, lembrando seu nascimento grego pela pólis, a pergunta sobre a importância de assuntos tabu já ganha resposta imediata, uma vez que discutir esses assuntos no palco faz com que o público repense os comportamentos sociais nocivos que, infelizmente, ainda reinam no seio brasileiro. Por outro lado, não se pode fazer discussões de assuntos tão problemáticos de forma leviana, e o grupo teve a sagacidade de não explicitar os atos sexuais em cena, para não "perturbar" o público antes que esse possa refletir sobre os assuntos discutidos na peça: as cenas quentes ocorrem no escuro e trazem o contexto social e local de quem está na plateia, incitando o imaginário do espectador.

Estamos contemplados e aguardando ansiosamente o resultado final de um trabalho que irá estremecer palcos e "interiores".





LIBERDADE?

*apreciação do grupo Os Sete para a
peça-filme Liberdade, Madalena,
dos estudantes da Escola Livre de
Teatro de Santo André*

Sob o prisma da escultura de Flávio Cerqueira, em sua obra "Amnésia", vemos a estátua em bronze de um menino negro jogando tinta branca em si mesmo: vemos, ali, o retrato da sociedade brasileira e do embranquecimento que todos os dias

tentam realizar em nossa população e em nossa história. Essa imagem nos ocorre nesse encontro com os integrantes do Coletivo Girantes, da Escola Livre de Teatro de Santo André (ELT), grupo com grande representatividade negra em seu elenco. A partir de uma matéria estruturante da grade curricular da Formação da escola, o grupo criou "Liberdade, Madalena", apresentado no 28º FETESP, dia 28 de Julho de 2023.

O filme-teatro fala parte de uma obra problemática, o texto "O Demônio Familiar" (1857), de José de Alencar, que chega ainda hoje às escolas regulares como ferramenta de ensino, muitas vezes sem um olhar crítico, usando o período histórico como um meio de ponderar sobre o que foi escrito. Esse texto é uma ofensa a tudo o que é vivenciado em nossa atualidade.

Os atores-autores discutem a liberdade, seus limites, sua romantização e as consequências de quando ela não está presente. Narram a história (baseada em fatos reais) de Madalena Gordiano, que passou 38 anos em trabalho análogo à escravidão; em contraponto, temos a história original do texto de Alencar, uma peça de costumes do período romântico, onde somos apresentados à criança, negra e escravizada, de nome Pedro. Na obra, o jovem faz peripécias e suas consequências fazem com que o seu Senhor lhe entregue uma carta de alforria, como uma forma de castigo: agora temos uma criança em situação de rua.

"Liberdade, Madalena" nos contempla com uma linguagem simples, mas não simplista, um assunto forte de maneira consciente e esperançosa. Critica o conceito de liberdade se utilizando do cinema, de expedientes teatrais, do humor e com afeto. Afeto que se junta com alegria e transborda do grupo para quem assiste.





ATÉ QUE SE OUÇA FIM

apreciação da Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí para a pesquisa cênica Rastro Coletivo, da Turma 74 da Escola de Arte Dramática da USP

A Turma 74 da EAD/USP (Escola de Arte Dramática) apresentou a pesquisa cênica intitulada Rastro Coletivo no sábado, 29 de julho de 2023, às 14h, no Teatro Procópio Ferreira, dentro da programação do 28º FETESP. A pesquisa cênica surge

de improvisações em sala de aula, sob orientação de Cristiane Paoli Quito. Com base nesses estudos, o grupo trouxe para o palco uma apresentação de improviso corporal, relacionando corpos, espaços e movimentos (que geram outros movimentos).

O que vimos?

Diversidade de corpos e corpos em movimento. Intensidade. Gestos. Olhares. Triangulação entre público e atores entre si. Silêncio. Improvisação. Distribuição de corpos e corpos em uma linha. Fluxos. Palmas. Expressões faciais. DJ. Intenção. Movimento em plano alto e médio. Individualidade. Coletividade. Iluminação. Plateia em cima do palco italiano. Diálogo aberto do exercício com o público.

Queremos aqui, antes de tudo, aplaudir a coragem do grupo em trazer um exercício cênico para a um festival de teatro estudantil. A improvisação é uma arte ingrata. Podemos estudar e estudar por anos, e em algum momento crucial de jogo, simplesmente não acontecer. No dia 29 aconteceu! Foi difícil para nós ficarmos estáticos na cadeira; o grupo nos contaminou com o desejo de participar das imagens que se erguiam constantemente. Como estudantes das artes da cena, ficamos com "água na boca", com vontade de integrar os estudos, que muitas vezes pareciam um espetáculo finalizado. Com a frontalidade do público e a triangulação generosa dos atores, cria-se um híbrido entre exercício

e apresentação. Talvez surja de fato um projeto que transite entre esses dois universos, e o nosso desejo é de expansão!

Algo que nos encantou imensamente foi o uso de música como elemento propositivo na improvisação. Os atores não se rendem à música; o jogo é tão potente que integra os sons organicamente, seja propondo dissonâncias, contrastes ou unidade. Ainda sobre a possibilidade de expansão desse trabalho, pensamos sobre elementos sonoros que talvez enriqueçam a pesquisa, como a exploração da estereofonia em cena e a extensão dos estudos sobre a voz enquanto corpo – talvez ainda não como palavra – mas como consequência das transformações que o grupo já faz habilmente.

Admiramos o trabalho dos corpos, o cuidado e a generosidade na pré-disposição em ceder a presença para dar espaço ao outro. O exercício permite descobrimentos, alcance de limites, desenvolvimento de percepção coletiva, construção de imagens com o corpo, e só o corpo. É de extrema beleza se apegar à efemeridade do teatro como recurso disparador na cena. Entrar no vazio para não se apoiar numa ideia. Não roteirizar os movimentos e se apoiar em sua própria energia. Improvisar até que se ouça FIM.





VENHA SE SENTAR, MAS RETIRE OS SAPATOS

apreciação do Coletivo Muvuca para o espetáculo Mercado-Ojá – um campo de mandinga, do Coletivo Teatral Girantes

Alzira vai às trocas.

Nos dias 27 e 29 de julho de 2023, na 28ª edição do FETESP, Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, acompanhamos Alzira em "*Mercado-Ojá – um campo de mandinga*", peça confabulada pelo Coletivo Teatral Girantes, da Escola Livre de Teatro de Santo André. Somos convidados,

com Alzira, a vagar pelos vazios da carne, por rios de tintas ancestrais, por sabores, cheiros e temperos. Sentimos — sem sentir — uma chuva fina que pinga e incomoda, pinga e incomoda e, nela, comemos histórias-frutas como se não houvesse fim.

Em meio ao frio ou ao barulho incessante de vozes, surgem possibilidades. Tudo se inicia com uma pergunta: *O que é ancestralidade?* E depois outra: *Como ela é mercada?* E ainda depois, as perguntas não cessam de se acumular. Perguntas grandes e importantes. Recebo um olhar que me pergunta: *Qual o seu MAIOR sonho?* Não sabemos, essa é a nossa resposta sincera.

O que pode um artista neste país?

Apesar de inúmeras diferenças, nos encontramos nessa pergunta — vocês, Girantes, e nós, Muvuca. Prédios provisórios nos conectam como elefantes distantes que se comunicam pela vibração da terra. O estrondo de uma folha caindo.

Quais são os vazios ancestrais que nos compõem?

Volte ao seu passo anterior, volte ao ano anterior. Volte ao rastro do seu último adeus ou à última palavra que te formou. Tudo isso segue na teia inconsciente que se renova a cada segundo. Antes de mim, do espaço que só eu ocupo, está a rua, reinvenção cósmica do corpo sendo dança, canto, alegria.

Quando não temos prédio e estrutura, vamos

para a rua. A Escola Livre de Teatro resiste há mais de 30 anos. A rua não é somente uma escolha formal ou estética — é também simbólica. Existem muitos teatros para a rua, na rua. Muitas ruas, praças, escolas para se estar. Para se encontrar. Para se abrir um tapete, ou para armar a barraca.

Na escola, os adolescentes estão com medo. É Exu que se aproxima. Como convidar e conquistar alguém que não nos quer ali? Duas meninas veem uma cena de parto: *"ahh não, chega, não quero mais ver isso"*. Cada dia um novo lugar. Não há espaço possível em que uma mãe e criança não parem para olhar o Mercado-Ojá.

O enorme urubu também se aproxima, paira sobre as cabeças. Chega, olha e se vai. A mãe com a criança também se vai. O cão chega e leva a carne na boca. E ainda volta para devolver a tábua à moça, é muito educado! O cão caramelo. A laranja. A maçã. A cachaça. Pela primeira vez alguém aceitou a carne crua! O fígado cru, marrom, que pinga. A rua revela o passo anterior, o rastro. Pés cruzam o espaço, teia de emaranhado. Gente caminha longe. O sino da igreja. Em frente aos mercadores, uma santa, benzida.

Tire logo os sapatos, sinta os pés no chão: A gira começa. E depois termina. Nos sentamos no tapete — ele é sagrado. E profano. Ele não cabe nessa dualidade, transpassa espaço-tempo: presente, passado, futuro coexistem no aqui e agora. Morte e vida se engolem como cobra que morde o próprio rabo. Canto

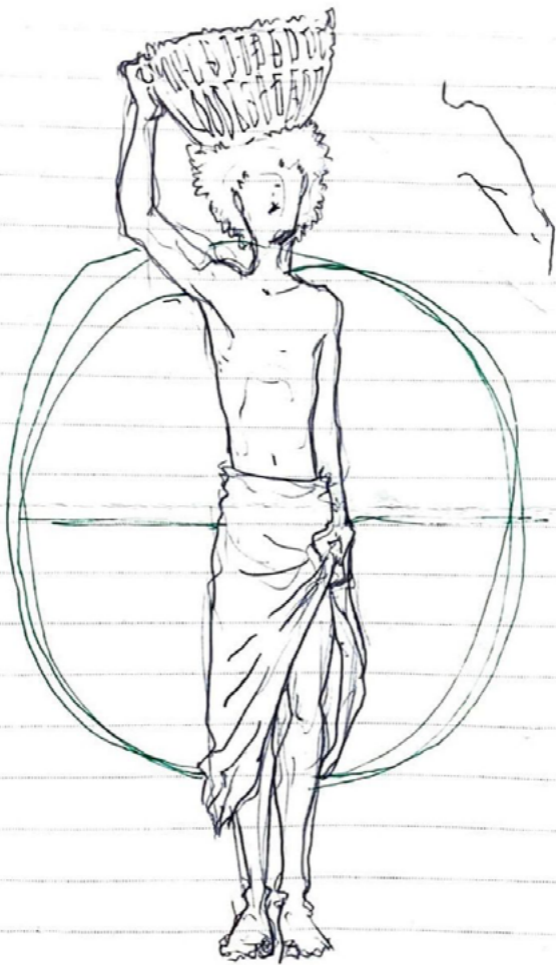
de morte e de trabalho.

Por fim, uma peça proposta na sua dimensão-rua, não resiste senão pelo encantamento. Corpos, em suas memórias e flechas, tocam o íntimo de outras histórias, ali emprestam o tempo da espera. Quem se põe em posição de contemplação cria junto, refaz verdades, revisita o mundo com olhar primeiro. Essa é, genuinamente, uma troca. O Coletivo Teatral Girantes expressa uma perspectiva afrocentralizada, na qual o mercado se abre para sinônimos que expandem a mera função capital vinculada ao conceito de troca. Nos 90 minutos em que convivemos com essas fábulas ancestrais, refazemos o léxico cartesiano e dizemos a essas palavras o "também". Mercado também é convívio, canção de trabalho também é alegria. Trocar também é dar e receber.

E o que é um festival senão um emaranhado de trocas? Não de dinheiro, mas troca de uma dança interna à qual dedicamos a vida. Se vivemos a consequência de um mundo que persegue o lucro, é preciso criar um mundo que persiga a troca, a costura. Se o ocidente impõe seu desencanto, é preciso encontrar chaves para encantá-lo uma segunda vez.

Viva Exú nas praças públicas e nas escolas!

Alzira vai embora... para voltar outra vez.





MUVUCA DE MENTIRAS

apreciação dos estudantes da Escola Livre de Teatro de Santo André para o espetáculo Mentira.br: um estudo de caso, do Coletivo Muvuca

O espetáculo *Mentira.br: um estudo de caso* é um trabalho impressionante e inventivo do Coletivo Muvuca, grupo composto por alunos egressos da UNICAMP. A peça apresentada na noite de sexta-feira (28/07), às 19:30, no Teatro Procópio Ferreira, conduz o público em uma série de encruzilhadas.

"O que você faz diante da encruzilhada? "

O excelente trabalho de dramaturgismo de Alanis Mahara toma corpo em cena pelos habilidosos atores Pedro Ribeiro, Vinícius Zaggo, Ana Farina, Maurício Oliveira e Larissa Blanco que, durante Ol hora de espetáculo, destrincham a mentira. Temos aqui um caminho avançado de síntese ácida, e outros sentidos do conceito de mentira são estudados com sagacidade, nos levando para além da natureza dialética que já esperamos de ideais complexos como vida e morte. Um teatro que se assume teatro já de início, quando numa suposta preparação dos atores, cumprimentando o público intimamente antes de entrar em cena, fica claro que eles já estavam prontos, que esse espetáculo já havia começado há muito tempo. Pois, diante da posição que a verdade ocupa na regência desse país: esse espetáculo "medonho e absurdo" estreou assim que o Brasil se tornou o Brasil, vemos isso através dos jogos que ironizam (MITO)manias e os elementos sequestradores de narrativa.

O que você faz diante da encruzilhada?

Eu danço com a encruzilhada e sou dançada por ela?

Eu minto?

Apresento MENTIRAS.BR em cada estado deste país?

Faço uma oração?

Nesta apreciação juramos solenemente dizer a verdade, somente a verdade e nada mais que a verdade.



O QUE RESTA APÓS O APOCALIPSE?

apreciação do Coletivo Girante para o espetáculo Insetos, do grupo Os Sete

Na noite de ontem, 29 de julho de 2023, o grupo "Os Sete", da Escola de Artes Cênicas Wilson Geraldo (espaço público municipal da cidade de Santos), que iniciou suas atividades em 2009 e tem 14 anos de existência, apresentou o espetáculo de

formatura "Insetos", convidando o público a olhar, por uma perspectiva sagaz e interessante, um dos assuntos que mais se fazem presentes na nossa sociedade: a luta de classes.

Ao chegar na sala de espetáculo, fomos envolvidos por uma instalação cenográfica desenvolvida pelo grupo, que nos convidava à quebra da estrutura formal de nossos corpos, a partir do momento que tínhamos que desviar dos elementos feitos com a reutilização de tecidos que se amarravam formando linhas espalhadas pelo espaço. Como se fossem fios de um bicho-da-seda, esses elementos criavam um ambiente instigante e inusitado de expansão de um microuniverso pós-apocalíptico. Folhas secas espalhadas pelo chão exalavam um cheiro característico que também é um recurso que transporta o espectador para o habitat desses pequenos seres, aguçando a experiência olfativa. Outra primeira impressão que também compõe fortemente as escolhas estéticas do grupo é a trilha sonora composta por clássicos do rock nacional dos anos 80 e 90. O som reverberava pelo espaço nessa combinação inusitada de universos.

Com um tom cômico e interativo, o espetáculo pode ser traduzido como uma daquelas experimentações de encantamento, capazes de dialogar sobre assuntos complexos com diversos públicos. Em uma sacada genial exposta em corpos que se movimentam e se portam como insetos, com tiques, tremeliques e representações próximas ao bufão, a gente

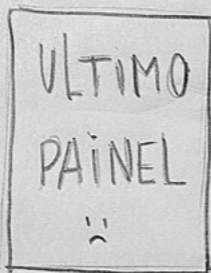
se pega rindo dessas estranhezas, até que percebe que essa estranheza também vive em nós.


Utilizando de figurinos que, em conjunto, tomam conta do espaço, um corpo que também é cenário, como aquela mosca morta na parede que você esqueceu de limpar. As vestimentas base já introduzem o BIZARRO e misterioso deste espetáculo, mas também traduzem a unidade dos atores em cena. Vale destacar a utilização de acessórios específicos para identificar cada inseto, como, por exemplo, o ferrão, representado por um tecido, que movimenta as folhas no chão, roubando a atenção do público e expondo a superioridade de um personagem em relação ao outro indivíduo em cena. Além disso, a condição feminina caminha intrinsecamente à natureza que, assim como pontuada na peça, não à toa é chamada de "mãe". Um desafio que pode ser lançado e nos ocorreu foi: como utilizar pistas durante a peça que já pontuem para esse final feminino?

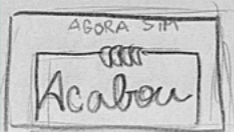
Ao acabar a peça, um espectador pontua "eu senti vontade de me unir com as baratas e atacar o louva-deus" e não tem como ignorar o fato de que somos corpos vindos de um momento delicado e sensível, em que todos, enquanto formigas revolucionárias e democráticas, decidimos atacar o conservadorismo de um "louva" que se achava "Deus".

ÚLTIMO PAINEL

Último painel.



VALEU
GALERA
DO
VQV! 
E
CONSERVA





EU PRECISO CONTAR UMA HISTÓRIA

JOÃO CARLOS PINTO

estudante da Escola Livre de Teatro

Essa história começa num domingo. Sabe aqueles dias que na sombra tá frio e fora dela tá calor? Então, nesse dia, 30 de julho, nessa história, às 14h, grupos/coletivos/estudantes de artes de escolas distintas de teatro de São Paulo se reúnem no último painel de intercâmbio do 28º FETESP.

Aqui, vou precisar parafrasear o grupo Novos Baianos, pois não consigo encontrar definição mais pertinente a esse encontro que aconteceu do que quando na música "Mistério do Planeta", eles dizem: "pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto".

Eu preciso contar outra história...

Na noite deste mesmo dia, 30 de julho, nessa história, às 19:30, aconteceu um outro encontro, ou melhor – outros encontros. Tetembua Dandara na sua instalação "Eu tenho uma história que se parece com a minha" suspende o ar em uma performance ao lado de sua mãe, Neuza Poli, sua irmã, Mafoane Odara, e sua avó Dirce Poli. Elas, mulheres pretas, nos convidam a entrar numa festa-casa de vó-noventista. E nos arrematam pelo axé do alimento... Não, não... É pela liberdade de imergir na sua obra da forma como quisermos. Talvez por poder levantar e abrir a geladeira. Cerveja? Tinha. Música boa? Tinha também. Em Tatuí está noite faz frio, mas dentro do Teatro Procópio Ferreira se fez calor, aquecidos pela chama do afeto. A essa altura da história, nós, os convidados-público, já criávamos as nossas próprias narrativas de corpos tenros e festejantes. Neste encontro teve uma história, depois outra e depois outra. E todas elas se pareciam um pouco com a minha.

Neste conto eu vou repetir um pouco o que aconteceu na primeira história, porque é isso, a história se repete um pouco.

Aqui, vou precisar parafrasear Novos Baianos, pois não consigo encontrar definição mais pertinente à esse encontro que aconteceu do que quando na música "Mistério do Planeta" eles dizem: "pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto"

Eu preciso contar mais uma história...

Neste mesmo dia, 30 de julho, nesta história, às 23:59, encerrou-se o 28º FETESP. E aqui, neste texto, preciso agradecer ao festival por permitir tantas histórias serem contadas:

La Ronde

Insetos

Liberdade, Madalena!

Rastro coletivo

Mercado-Ojá

Mentira.BR

E todos os outros espetáculos que integram a poderosa programação desse belo festival no ano de 2023.

Vida longa ao Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo!

Saravá!



REENCONTRO

MAYRA GUANAES

*integrante da Cia. Sobrecéus,
professora convidada no Conservatório
de Tatuí*

Sempre quando desço do ônibus na rodoviária de Tatuí sinto calor. Talvez, ainda seja latente em mim a sensação que tive quando cheguei no FETESP, no ano passado: eu me senti abraçada por este festival. Embora aqueles 5 dias tenham sido

de muito trabalho, foram também cinco dias de muitos aprendizados. Foi uma surpresa a possibilidade de participar de um festival tão bem organizado e pensado para estudantes como o FETESP. Era a primeira vez que o meu grupo, Cia. Sobrecéus, estava saindo do nosso território, a primeira vez que tivemos a oportunidade de conversar sobre a nossa pesquisa com pessoas de fora, a primeira vez que tivemos uma crítica escrita, documentando o nosso trabalho. Essa passagem marcou a nossa trajetória porque foi neste festival que nos entendemos como um grupo de verdade. Foi uma experiência de grande coletividade para nós, passamos muito tempo assistindo peças e aprendendo mais sobre teatro, juntos. Pode parecer simples, mas, para nós, foi muito precioso. Voltamos para casa diferentes.

Por tantas lembranças boas voltei ao FETESP neste ano, mais leve, sem tantas responsabilidades, apenas para aproveitar o festival. E não é que, em 2023, o FETESP ficou ainda melhor? Nessa última semana passei por vários lugares de Tatuí que ainda não tinha sido possível conhecer e vi um FETESP pulverizado pela cidade. De repente, o Conservatório de Tatuí, que organiza o festival, se fazia presente em muitos lugares da cidade ao mesmo tempo e eu achei isso lindo, emocionante! Nesse mesmo mês em que o teatro perdeu Zé Celso, ali, na plateia do FETESP, eu senti a vida.

Em Tatuí eu sinto calor.

São muitas as experiências possíveis dentro de um festival tão grande quanto o FETESP – que é, sobretudo, um lugar de encontro.

Eu sinto calor.

Falamos muito sobre a memória nesta 28ª edição. A passagem do tempo e seus desdobramentos são perceptíveis. É um festival que cresce a cada ano.

Eu sinto calor. Um texto, dois textos, três textos, quatro textos, não dariam conta de dizer tudo sobre as memórias que se registram em cada canto do meu corpo. As experiências promovidas pelo FETESP estão além do teatro estudantil.

Existe um calor: o calor dos abraços, dos olhares, dos sorrisos, das risadas, das palmas, das cantorias, do afeto.

Antes de ir para o 28º FETESP, uma amiga do meu grupo pediu que, quando eu voltasse, trouxesse a ela um pote de doce de castanha – que ela havia comprado em Tatuí quando participamos do festival no ano passado. Mais uma vez este FETESP foi tão intenso que não tive tempo de descer a rua para procurar a loja de doces. Fica para uma próxima vez, quem sabe? Talvez a doçura esteja em outras experiências vividas neste festival. De qualquer forma, é sempre bom ter motivo e memória para voltar a um lugar que aquece o nosso coração.



UM ANO E OITO DIAS AINDA REVERBERAM

JAMES FURLANETO

*estudante do segundo ano de artes
cênicas no Conservatório de Tatuí*

Pra passar despercebido

Me deram botas de borracha pra silenciar o
som dos passos

Me deram um boné de aba reta e longa

Pra eu não olhar pra cima, muito menos pro
além

Limitaram o olhar só ao pé do patrão, que usa sapatos de couro

Pra conferir a rotina, a comida era a que mais ia e menos rendia.

Pra não ficar doente e ter força pra pedalar carregando kilos de roupas em sacolões de pano pela cidade afora.

Tecidos, roupas, panos (pausa)

Penamos.

O ensino médio durante a pandemia já nem valia.

Me formei entre aspas bem distantes.

Desde estudo número I morte vida naquele 27º FETESP não paro de pensar...

Mas só com Tecendo Miçangas consigo visualizar.

Nossos nós foram atados publicamente num uniforme cinza e num penteado baixo. Obrigado pela sensibilidade, Cia Flor no Asfalto.



CARTA PARA PEDRO

*Gabriel Diniz para Os Girantes
(Liberdade, Madalena)*

Tatuí, 30 de julho de 2023.

Caro Pedro Silva, boa tarde.

Venho, por meio desta, dizer o que sinto quando te escuto. Quando posso ver sua história evidenciada, suas falas ecoam pelas paredes de onde apresentam e saem para ecoar em mim.

Mastigo o que vejo e devolvo para essa sociedade, com uma revolta presa na garganta, lutando pra sair e batendo na intensidade do meu coração.

Sinto em Madalena, assim como tantas outras do nosso Brasil, reflexos do passado que gritam e não podemos esquecer. Porque esquecer suas lutas é mais um crime!

A palavra com que finalizo é: Alforria! Mas pelo novo significado que tiro dela. Alforria não é dada. LIBERDADE é essencial e ela é só nossa, de cada um em sua particularidade.

Ser livre é paz, e a paz não é branca!

Agradecido!

Um espectador



ISSO É UMA PROPOSTA

Coletivo Muvuca

*dispositivo: **fluxo.** durante 05 minutos no cronômetro, escrever. repetir nos inícios e finais de encontros. e quando é necessário pensar coletivamente.*

*sugestão: ler esta muvuca de fluxos realizados antes e após a apresentação de **mentira.***

***br: um estudo de caso,** na programação do 28 FETESP, ao som da playlist criada coletivamente pela muvuca, utilizada nos ensaios. "mentirinhas falsidades" no *spotify*.*

18h46. dia 28 de julho. é aniversário da olívia e estamos fazendo esse fluxo com thiago e sarah no fetesp. é a segunda vez do mentira. br em um festival. mas esse é diferente. tô com medo, me cagando todo mas muito feliz e animado. tatuí é invadida por mentiras. e a mentira se espalha e se espalha, como será que ela estará daqui a um ano? dois anos? como um telefone sem fio ela se altera, flui, cresce, diminui, muda de foco. se torna verdade? essa peça é de verdade e hoje eu não me lembro de ter mentido. sim, isso é uma proposta... de utopia ou de sei lá o quê. Isso é uma **PROPOSTA**. vamos gritar para o mundo que ISSO É UMA PROPOSTA que assim chegamos, assim nos concentramos. **VAMOS NOS DIVERTIR! ISSO É MENTIRA.** **BR** e a gente veio fazer muvuca. tem uma muvuca que acontece aqui no meio da gente. vamos destruir tatuí. confio em vocês. confio mesmo. não sei o que acontece, mas sei que será e dará e iremos e vamos **MUVUCAR**. a gente vai correr daqui a pouco. e também pular. e definitivamente chorar. isso não é uma proposta, é quase uma promessa. ou uma utopia. eu vou falar tudo o que der na telha e vocês vão acreditar em mim. será que esqueceram de desligar o cronômetro? às vezes parece que nunca teremos uma apresentação tranquila. sinto frio. não gosto de ar condicionado. gosto da gente e não gosto das regras. gosto de combinados. as regras são duras demais. não vai ter sinal. **CANCELA O SINAL. CANCELA A ORDEM. FAZ O PÚBLICO FICAR DOIDO! FAZ GAROUTA. FAZ O**

PÚBLICO PIRAR. PÚBLICO MUVUCA EM FRENTE A TEATRO PROCÓPIO FERREIRA EM TATUÍ, diz a manchete. 18h51.

23h34. apresentar descarrega o corpo. apesar da muvuca seguir dentro da minha barriga. tudo é dramaturgia. feliz. animado. querendo beber muito e triste de pegar ônibus amanhã de manhã. queria ficar aqui até o final. meio dramático, mas meu jeitinho. sinto frio. meu corpo ainda treme e eu já não sei se é adrenalina ou temperatura. frio! sei que em algum momento as dúvidas voltam, mas a muvuca me carrega, se potencializa, se ama, se odeia, mas só de mentirinha. sempre bom refazer essa peça, sempre me assusto em como o tema se imbrica na forma. bato na tecla de novo: **essa peça é muito sobre coletivo**, também. uma mentira contada em conjunto se torna verdade. no fim, tudo se resume a confiança. respiração profunda. pés doendo um pouco. cabelo suado. sensação de ter corrido grande maratona. sempre bom sair com a sensação que o mundo vai acabar. e se acabar, estaremos mentindo. hoje chorei de verdade. esse processo foi um grande estudo de dramaturgia e agradeço muito à lígia, por isso. além de agradecer o lacan e o nietsche e a playlist de sertanejo da casa áfrica que não paga o *spotify*. onde já se viu isso, produção?! sentades em roda, todo mundo olho no olho da tela, insistindo em escrever palavras pro mundo. pra gente mesmo. muvucar e materializar palavras. o cronômetro, pequenos

detalhes que fazem a diferença. acumulação. sobreposição. amontoado. muvuca. isso é teatro? e teatro é mentira? é uma mentira de verdade? o outro disse que sou surtada. **EU SOU MESMO!** quem não é?! nessa muvuca os surtos vazam por diferentes frestas. agora pela ponta dos dedos. lari gira o caderno, não está escrevendo. lacan também não escreveu. lacan nem existiu. quem sabe quem existiu. vamo vivendo. chorar é gostoso. tranquilizante. vontade de sair correndo gritarpularcausar em tatuí até ser expulso dessa cidade num grande acontecimento. mentirinhas invadiram tatuí mesmo. lindo demais escrever junto. continua dando um sentido de junção. bom saber que podemos escrever com mais pessoas. digito rápido no celular, diferente de escrever no papel. sensações quentes e gostosas, apesar do frio. hoje eu ri, chorei e menti. não necessariamente nessa ordem. **23h40.**

EXPEDIENTE

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Coordenadora de comunicação

Luiza Lorenzetti

Arte design

Lívia da Silva

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Thiago Leite

João Fabbro

Organizador da seção fermentação natural

Tadeu Renato

Colaboradores

Camila Barbagallo

Gabriel Diniz

Ivan Freitas

James Furlaneto

João Carlos Pinto

Julia Pedreira

Kaio Alexandre

Marco Antonio Pedra

Mayra Guanaes

Thiago Marchetto

Coletivos participantes

Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí

Coletivo Girante

Coletivo Muvuca

Escola Livre de Teatro de Santo André

Grupo Os Sete

Turma 74 da Escola de Arte Dramática (EAD)

Fotógrafo

João Maria

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustenidos Organização Social de Cultura.

Apoio:



Parceria:



PREFEITURA DE TATUÍ

poiesis
gestão cultural



OC
OFICINAS
CULTURAIS



8º ENCONTRO
MAMULENGO
em SÃO PAULO



Realização:

SUSTENIDOS



CULTSP

Secretaria da  SÃO PAULO
Cultura, Economia e Indústria Criativas GOVERNO DO ESTADO